

## Co-participantes dos Sofrimentos de Cristo:

# Confiando no Fiel Criador (Parte 2)

A esta altura da epístola, Pedro retomou os imperativos iniciados em 2:13. De 2:13 a 3:7, o apóstolo admoestou os cristãos a se sujeitarem aos governos, os escravos aos seus senhores e as esposas aos seus maridos. No capítulo 5, ele deu continuidade a esse modelo de instrução incentivando os jovens a se submeterem aos mais velhos. Num sentido, essa exortação tem mais em comum com as instruções para as esposas e os maridos (3:1-7) do que com as outras duas. Depois de incentivar as esposas a serem submissas aos maridos, Pedro ofereceu algumas palavras de instrução aos maridos. Ele não ofereceu as respectivas palavras de instrução aos governos nem aos senhores de escravos. Na passagem em questão, o apóstolo apresentou palavras de instrução aos presbíteros antes de estimular os jovens a serem submissos. Também neste caso, ele dedicou consideravelmente mais palavras de instrução aos presbíteros do que fez com os jovens, os quais deveriam se sujeitar a eles. Parece que as exigências para que os presbíteros cumpram adequadamente suas responsabilidades como presbíteros requerem atenção especial. A submissão da parte das pessoas mais jovens parece ser uma resposta a presbíteros que se comportam de modo aceitável.

### EXORTAÇÃO AOS PRESBÍTEROS (5:1-4)

<sup>1</sup>Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: <sup>2</sup>pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; <sup>3</sup>nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho.

<sup>4</sup>Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória.

**Versículo 1.** A palavra traduzida por “presbítero” (πρεσβύτερος, *presbuteros*) pode se referir genericamente a um homem mais velho, um ancião (João 8:9; Atos 2:17; 1 Timóteo 5:1), ou pode se referir a quem é nomeado para ocupar uma função num papel de liderança reconhecido oficialmente dentro de uma igreja local (Atos 11:30; 14:23; 20:17; Tito 1:5; Tiago 5:14). O contexto determina o sentido da palavra. Quando Pedro escreveu **Rogo, pois aos presbíteros** e continuou incentivando os presbíteros a “pastorearem o rebanho”, fica evidente que aqui o termo tem a denotação de uma função de liderança na igreja. Essas são as mesmas pessoas a quem Paulo roga em 1 Tessalonicenses 5:12 e 13: “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros”.

Um cristão passa a ocupar a função de “presbítero” por nomeação (Atos 14:23; Tito 1:5). Evidentemente um homem é ou não é mais velho. Ninguém é nomeado para ser um ancião. Contudo, quando quem ocupa o ofício é chamado de “presbítero” [“ancião”], a sugestão é que esse irmão é mais velho, não importa em quantos anos. Embora haja certa flexibilidade quanto à avaliação de quem é “velho”, o termo não é infinitamente flexível. Ninguém consideraria “ancião” um homem de dezito ou trinta anos. Quando homens que atuam como líderes na igreja são chamados “presbíteros”, infere-se que eles devem ser homens mais velhos.

A palavra “pastor” é vastamente usada no mundo evangélico de hoje para designar um líder espí-

ritual. Mas o Novo Testamento esclarece que quem servia como presbítero não era um pastor no sentido atribuído a essa função em muitas igrejas de hoje. A prática moderna de referir homens jovens como “pastores” não tem sustentação bíblica. Quando homens são nomeados presbíteros, a idade não é o único fator, nem por isso ela é irrelevante. No Novo Testamento, quem ocupava a função de presbítero tinha de ser velho o suficiente para ter acumulado um *currículo* da vida cristã. Esse currículo deveria certificar a integridade e a bondade do candidato. Um presbítero jovem é um oxímoro, uma contradição. Não é só no judaísmo que as comunidades buscam orientação e autoridade em seus homens mais velhos, às vezes servindo em capacitações oficiais. Os romanos, no período republicano pelo menos, foram governados por um Senado. A palavra “senador” significa literalmente “um homem velho”. A palavra “senil” vem da mesma raiz latina.

A tradição de homens mais velhos serem líderes está arraigada na história de Israel. Quando Boaz quis resolver o caso de uma herança, ele se sentou no portão da cidade juntamente com os anciãos dali (Rute 4:2), seus respeitados líderes morais e legais. Foram anciãos de Israel que se reuniram para pedir que Samuel ungesse um rei sobre eles (1 Samuel 8:4, 5). É seguro afirmar que anciãos eram sinônimo de liderança em Israel. Nos Evangelhos e em Atos, anciãos eram líderes entre os judeus (veja, por exemplo, Mateus 15:2; 16:21; Marcos 8:31). É nesse pano de fundo que os presbíteros atuam na igreja. Eles são os homens mais velhos e mais sábios que ganharam o respeito da comunidade. Num sentido, os presbíteros aparecem naturalmente. Na medida em que a comunidade os procura em busca de conselhos, eles funcionam como presbíteros, e depois recebem o reconhecimento oficial quando são instituídos ou nomeados para continuar a prestar esse serviço<sup>1</sup>. Considerando o teor judaico da carta de Tiago, não nos surpreende que o irmão do Senhor tenha chamado esses líderes servos de “presbíteros” (Tiago 5:14).

Quando Pedro exortou os presbíteros **que há entre vós**, ele se dirigiu aos homens mais velhos que haviam sido instituídos para essa função e que aceitaram a responsabilidade na liderança da igreja. No Novo Testamento, presbíteros funcionavam dentro da comunidade que os instituiu. Havia presbíteros que serviam a igreja em Éfeso (Atos 20:17) e

presbíteros que serviam a igreja em Jerusalém (Atos 11:30). Nada indica que os presbíteros exerciam alguma liderança ou autoridade fora da comunidade à qual serviam. Não havia presbíteros municipais, estaduais ou federais. Essa consideração levanta uma pergunta. Quando Pedro descreveu-se **eu, presbítero como eles**, a sugestão era que ele servia como presbítero em alguma congregação específica?

Talvez, devido à sua capacitação como apóstolo, Pedro servisse uma comunidade mais ampla do que uma única congregação. Por outro lado, Pedro pode ter sido instituído presbítero na igreja em Jerusalém ou em Roma. Talvez tenha sido nessa função que ele se disse “eu, presbítero como eles”. O que está claro é que a função de Pedro como presbítero fugia ao que era padrão. Tipicamente, os presbíteros exerciam a liderança e o ministério no contexto de suas comunidades, a igreja local e individual que os elegeram.

Pedro pôde se reportar aos presbíteros como um deles, mas ele também se reportou a eles como aquele cuja autoridade e liderança ultrapassa a deles. Ele era apóstolo, o que entre outras coisas incluía ser uma **testemunha dos sofrimentos de Cristo**. Tendo em mãos a riquíssima história entre Pedro e Jesus registrada nos Evangelhos, é estranho que o apóstolo não tenha feito alusão alguma ao seu relacionamento pessoal com o Senhor. Em 2 Pedro, ele fez isso (2 Pedro 1:14, 17), mas não nesta carta. Embora o apóstolo não tenha se referido a algum incidente da vida de Jesus, senão a Sua crucificação, ele se referiu a si mesmo como “testemunha dos sofrimentos”. Nesse caso, aumenta-se a sustentação da alegação feita na abertura da epístola. A carta vem da mão do apóstolo que conhecemos pelos Evangelhos.

J. N. D. Kelly argumentou (evocando Lutero e Calvino como apoios) que por “testemunha dos sofrimentos de Cristo”, o autor se referia ao fato de ter ele continuado a compartilhar do sofrimento de Cristo. Ele era uma testemunha no sentido de ser participante com Cristo nos sofrimentos<sup>2</sup>. É verdade que as frases imediatamente anteriores e posteriores a esta chamam a atenção para a participação do autor em eventos juntamente com seus leitores. Nesta expressão, também Pedro poderia estar lembrando seus leitores de que ele e eles haviam participado juntos – testemunhado juntos – do sofrimento de Cristo sofrendo igualmente. Todavia, a palavra “tes-

<sup>1</sup>Consulte mais sobre a instituição de um presbitério nas edições de *A Verdade para Hoje*, disponíveis no website [www.biblecourses.com/Portuguese](http://www.biblecourses.com/Portuguese).

<sup>2</sup>J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and of Jude*, Black's New Testament Commentaries. Londres: Adam & Charles Black, 1969, pp. 198–99.

temunha” (μάρτυς, *martus*) normalmente se refere a eventos vivenciados após um testemunho verbal dos mesmos. Nesta carta, o apóstolo já havia dado testemunho do modo como Cristo sofreu (2:21–24). É melhor entender que a expressão significa que o autor queria que seus leitores soubessem ele viu pessoalmente os sofrimentos de Cristo.

As palavras do apóstolo partem do genérico, para o específico, e voltam para o genérico. Sendo um presbítero, Pedro dirigiu-se a outros presbíteros, mas ele fez isso especificamente como uma testemunha ocular e um apóstolo (1:1). É importante ressaltar que o apóstolo se apresentou como um companheiro crente, um **co-participante da glória que há de ser revelada**. Tal qual seus leitores, Pedro também aguardava a volta do Senhor, a revelação da Sua glória, e o juízo ou julgamento vindouro. O apóstolo não aconselhou como alguém de fora, nem advertiu os que sofreram enquanto desfrutavam os confortos da vida. Ele era um deles. Ele também era presbítero como eles e encomendou a própria alma ao fiel Criador.

**Versículo 2.** Usando a tradução RA pode ser difícil enxergar o parentesco das palavras tão visível no grego. Por exemplo, o verbo imperativo traduzido por **pastoreai** vem de ποιμαίνω (*poimaino*). O substantivo “pastor” que também aparece em Efésios 4:11, é ποιμήν (*poimen*). Agir como um pastor é ser um cuidador de ovelhas. O começo do versículo poderia ser traduzido simplesmente por “seja um pastor” para o rebanho. Os homens a quem Pedro incentivava a trabalharem como um pastor eram os que ele chamara de presbíteros como ele. Além desta passagem, outras no Novo Testamento deixam claro que “presbíteros” equivale a “pastores”. A mesma correlação de palavras é vista em Atos 20. Paulo convocou os presbíteros da igreja de Éfeso em Mileto (Atos 20:17). Entre outras coisas, ele os admoestou a “pastorearem” a igreja de Deus (Atos 20:28). O mesmo verbo grego “pastorear” em 1 Pedro 5:2 é usado em Atos 20:28.

De todas as palavras usadas para designar os que deveriam servir na função de líderes espirituais da igreja (“presbíteros”, “pastores” e “bispos”), nenhuma é mais completa e descritiva do que a palavra “pastor”. Para o povo de Israel, o pastor conduzir suas ovelhas era uma imagem vívida. Davi, o rei pastor, remontou ao tempo em que o povo de Deus era jovem e estava em franca expansão. Salmo 23 olha para Deus como o pastor do Seu povo de Israel. Cantares de Salomão ilustra que até a poe-

sia romântica de Israel foi influenciada pela figura do pastor. Algumas das parábolas mais lembradas têm raízes no folclore desenvolvido com o passar dos séculos. O pastor vivia com suas ovelhas vinte e quatro horas por dia. Ele sabia quando uma delas estava perdida. Ele as protegia e cuidava delas. Eram, ao mesmo tempo, seu ganha-pão e sua paixão.

Quando o modelo do pastor e suas ovelhas é vivido na liderança espiritual da igreja, os presbíteros conhecem as necessidades espirituais, emocionais e físicas do **rebanho** de que cuidam. Eles guiam e conduzem as ovelhas pelos caminhos da justiça e da verdade. Confiam em Jesus, o Supremo Pastor (5:4; 2:25) e são modelos de piedade para cada membro da igreja. Um pastor não tem tempo livre. Ele está sempre ali, sempre ávido por exercer suas incumbências, sempre protegendo e curando as ovelhas. Quando uma de suas protegidas está fraca, o pastor está ali para cuidar das feridas. É lamentável que muitos presbíteros copiem o modelo de liderança de diretorias corporativas em vez de extraí-lo dos campos onde os pastores conduzem os seus rebanhos.

Pedro falou sobre os homens que devem ser os líderes espirituais da igreja e como esses líderes devem funcionar segundo as designações de “presbítero” e “pastor”. Somente depois de expor essas qualidades, o apóstolo acrescentou um trecho do versículo 2 que foi omitido na RA, RC e na ARIBe mantido na NVI e na ACRF. O trecho ocorre logo após “que há entre vós” e diz **olhem por ele** (NVI) ou **tendo cuidado dele** (ACRF), referindo-se ao rebanho. Embora a forma verbal seja tecnicamente um particípio no grego, é gramaticalmente possível (até provável) entendê-la como um imperativo, paralelo a “pastoreai” ou “seja um pastor”. Nesse caso, a tradução seria: “Sede cada um de vós um pastor do rebanho de Deus que está entre vós e exercei a supervisão”. A expressão “olhem por ele” é uma forma de particípio do verbo grego ἐπισκοπέω (*episkopeo*). A forma nominal da palavra, usada em Atos 20:28, 1 Timóteo 3:2, e outras passagens é ἐπίσκοπος (*episkopos*), traduzida por “bispo”<sup>3</sup>. Filipenses é a única carta de Paulo em que “bispos” e “diáconos” são mencionados na saudação (Filipenses 1:1).

As três palavras (“presbítero”, “pastor”, “bis-

---

<sup>3</sup>A palavra portuguesa “bispo” é uma alteração do grego *episkopos*. Entre as instruções que guiaram os tradutores da antiga King James estava a de que deveriam usar palavras de uso comum nas igrejas da época. Uma vez que os oficiais encarregados das igrejas eram chamados “bispos” na Igreja da Inglaterra, esse foi o termo adotado para traduzir o grego.

po”) são usadas para designar aqueles que devem conduzir a igreja de Cristo. Elas compõem um mosaico interessante. A palavra “bispo” implica que quem conduz a igreja deve exercer autoridade. Essa autoridade não consiste em espadas e armas, mas na força de seu exemplo espiritual e moral. Há fases na vida da igreja em que decisões difíceis precisam ser tomadas. Nesses momentos, os bispos da igreja são comissionados para fazer as escolhas. A igreja deve incentivar e apoiar seus bispos ou pastores. Paulo escreveu: “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam” (1 Tessalonicenses 5:12, 13).

Servir como presbítero na igreja requer uma considerável entrega de energia e tempo. Às vezes é um trabalho ingrato. Há casos em que um presbítero é mantido financeiramente pela igreja, porém geralmente não é assim. É um trabalho de amor. Eles assumem suas responsabilidades porque querem glorificar o Senhor e edificar o Seu povo. Querem ser parceiros do Senhor na tarefa de salvar as almas dos homens. Não é um trabalho que deve ser aceito **por constrangimento**. Homens piedosos devem assumir o trabalho com zelo, entusiasmo, **espontaneamente**. O escritor de Hebreus disse: “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo” (Hebreus 13:17). Quando homens bons não aceitam o ministério do presbitério, deixam a porta aberta para os que são menos qualificados. E os resultados nesses casos são desastrosos.

Embora seja incomum nos tempos modernos presbíteros serem mantidos financeiramente por igrejas, essa prática parecia ser mais comum no período neotestamentário. Paulo disse a Timóteo que o presbítero deve ser “não avarento” ou “não apegado a dinheiro” (NVI) (1 Timóteo 3:3). Os diáconos não devem ser “cobiçosos de sordida ganância” (1 Timóteo 3:8), nem os presbíteros (Tito 1:7). Embora estas palavras possam significar apenas que presbíteros e diáconos devam ser generosos, há razões para se pensar que Paulo as escreveu porque era comum presbíteros, e talvez diáconos, serem remunerados pelo seu trabalho. Paulo não queria que os presbíteros servissem a igreja como se estivessem realizando apenas mais um trabalho.

Outra indicação de que Paulo esperava que os

presbíteros recebessem assistência financeira aparece posteriormente em 1 Timóteo. Paulo admoestou seu cooperador mais jovem a prestar honra dobrada ao presbítero que trabalhasse arduamente na pregação e no ensino. Ele usou o mesmo tipo de linguagem que usou em Coríntios, em que o assunto era o sustento de pregadores. O apóstolo citou Deuteronômio 25:4: “Não amordaces o boi, quando pisa o trigo”, e acrescentou: “O trabalhador é digno do seu salário” (1 Timóteo 5:18; veja 1 Coríntios 9:9, 14). Em 1 Coríntios, Paulo tinha pregadores em mente; em 1 Timóteo, ele estava falando de presbíteros. Em ambos os casos, o trabalhador é digno de seu salário.

Assim como Paulo, Pedro parecia ter a expectativa de que presbíteros recebessem sustento financeiro pelo trabalho prestado ao Senhor. Isso explicaria por que ele disse que os presbíteros não deveriam servir **por sordida ganância**. Antes, deveriam servir **de boa vontade**. Não devemos concluir que a igreja deve sustentar seus presbíteros financeiramente. Todavia, é bastante claro que tanto Paulo como Pedro demonstraram que essa prática era comum. De outro modo, não haveria razão para as admoestações sobre servir por ganância. A admoestação era apropriada porque era comum presbíteros receberem sustento financeiro pelo trabalho que prestavam. Será que a igreja moderna deveria fazer o mesmo? Depende das circunstâncias, assim como dependia das circunstâncias de Pedro e Paulo. Se existe um trabalho de tempo integral a ser feito e um presbítero quer assumir a responsabilidade, há precedente bíblico evidente para que ele seja sustentado. Em alguns casos, um evangelista também pode servir na capacidade de um presbítero. Quando ele se empenha ao trabalho em tempo integral, seja como presbítero ou como pregador, “o trabalhador é digno de seu salário”.

Nos tempos modernos, pregadores ou presbíteros (quando estes são assalariados) muitas vezes recebem salários consideravelmente baixos. A maioria deles poderia ter salários melhores sem sofrer tanto estresse, se atuassem em outra profissão. No Evangelho de João, Jesus contou a história de um pastor que foi comparado a um mercenário (João 10:11–15). Não há espaço no reino de Deus para quem trabalha meramente por dinheiro. Pregadores norte-americanos mais velhos costumavam ser ridicularizados quando lhes perguntavam sobre seus salários. Rapidamente, deixaram claro que recebiam uma ajuda financeira, e não um salário. “Se podem me pagar

para pregar, também podem me pagar para não pregar”, diziam eles. Alguns argumentam que a diferença entre salário e ajuda é mínima. Talvez seja, porém tanto Paulo como Pedro queriam assegurar a igreja seja servida por homens que trabalham por coisas mais substanciais do que um contracheque no fim do mês.

**Versículo 3.** Quando se deposita autoridade na mão de um indivíduo com cargo político, empresarial ou na igreja, existe potencial para ocorrer abusos. É impossível haver liderança sem a delegação de autoridade. A autoridade pode ser, e às vezes é, usada pelo indivíduo para servir a seus próprios propósitos. Considerando que é ao mesmo tempo difícil e impossível conduzir a execução de tarefas sem uma liderança responsável, a igreja confia nos servos que ela colocou em posição de responsabilidade. É por isso que a advertência de Pedro era necessária. O apóstolo disse que os presbíteros não deveriam agir como **dominadores dos que foram confiados** aos seus cuidados.

Presbíteros não são *chefes*. Eles conduzem uma família espiritual cujo principal compromisso é com o Senhor, o qual os comprou com o Seu sangue (1 Coríntios 6:20). Presbíteros não exercem poder como fazem os líderes políticos. Não cabe a eles controlar a igreja com dinheiro como se esta fosse um empreendimento. Eles guiam por força de sua presença moral e espiritual e pela autoridade benevolente que Jesus lhes concede. Aceitar o ofício de presbítero não corresponde a tornar-se um senhorio e, sim, um servo. É possível que Pedro tenha admoestado assim os presbíteros com base no que ele ouviu do próprio Senhor:

Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva (Marcos 10:42, 43).

Tanto Jesus como Pedro usaram a mesma palavra grega traduzida por “dominadores”, “domínio”, *κατακυριεύω* (*katakuriéuo*).

Tem-se discutido consideravelmente a respeito do significado de “vos foram confiados”. Qual é a natureza dos que foram “confiados” aos presbíteros? A dificuldade torna-se mais aparente com o reconhecimento de que “vos” foi acrescentado pelos tradutores da RA e a palavra traduzida por “confiados” está no plural, “confiados” (*τῶν κλήρων*, *ton kleron*), cujo significado literal é “sortes”, como,

por exemplo as sortes lançadas quando Matias foi escolhido como apóstolo substituto de Judas (Atos 1:26). É usada metaforicamente com o significado de uma “porção atribuída”, talvez de uma herança ou alguma esfera de responsabilidade<sup>4</sup>. Alguns estudiosos defendem que o vocábulo sugere que, dentro de uma congregação, presbíteros dividiam o total de membros em grupos, sendo cada um responsável por determinado agrupamento de membros. Esse significado é improvável pelo simples fato de tal prática ser desconhecida no Novo Testamento. É mais provável que Pedro se referisse ao mundo inteiro ser a esfera de ação da igreja do Senhor (5:9). Os “confiados” aos presbíteros citados por Pedro “são porções do rebanho universal sob os cuidados de vários presbíteros, ou grupos de presbíteros”<sup>5</sup>.

Em vez de agir como “dominadores dos que foram confiados” a eles, os presbíteros devem ser **modelos do rebanho**. Está inerente aos bons líderes demonstrarem no comportamento que estão agindo como cristãos antes de falar sobre isso. Embora a palavra grega traduzida por “modelos” seja diferente em 2:21, a ideia é semelhante. Presbíteros, assim como todos os cristãos, têm Cristo como exemplo, porém, sendo líderes, eles têm uma responsabilidade especial de serem exemplos. Na vida de oração, no conhecimento das Escrituras, na preocupação com os perdidos, na atitude de paciência e longanimidade, no caráter excelente, os presbíteros devem ser “um modelo” (*τύπος*, *tipos*) para os que lhes foram confiados. Paulo disse aos tessalonicenses que quando ele abriu mão de seus direitos, ele fez isso a fim de ser exemplo para a igreja (2 Tessalonicenses 3:9). Para a liderança cristã, “autoridade” não é uma palavra prática; a palavra prática é “servir”. Esta é a terceira de uma série de três expressões que Pedro usou baseadas no padrão “não isto... mas aquilo”. Os presbíteros (1) não devem servir por constrangimento, mas espontaneamente, 2) não devem servir por sórdida ganância, mas de boa vontade, 3) não devem ser dominadores, mas modelos.

**Versículo 4.** Pedro lembrou os presbíteros que Cristo era o modelo deles. Embora fossem pastores, Cristo era o **Supremo Pastor**. Pedro já havia

<sup>4</sup>Uma forma composta do termo (*κληρονομία*, *kleronomia*) é traduzida por “herança” em 1 Pedro 1:4 e outros versículos.

<sup>5</sup>J. Ramsey Michaels, *1 Peter*, Word Biblical Commentary, vol. 49. Waco, Tex.: Word Books, 1988, p. 286.

chamado Jesus de “Pastor e Guardião das vossas almas” (2:25). Os presbíteros cuidam do rebanho, mas Jesus é o Pastor dos pastores. O autor de Hebreus descreveu Jesus como “o grande Pastor das ovelhas” (Hebreus 13:20). Assim como Jesus cumpriu fielmente Sua responsabilidade de guiar, cuidar e alimentar os que O seguiram, Pedro incentivou os presbíteros a fazerem o mesmo.

Quaisquer que sejam os dons de um cristão, quaisquer que sejam as oportunidades que o Senhor lhe dá, ele é responsável pela maneira como usa suas bênçãos. Jesus disse: “Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lucas 12:48). Deus concede aos presbíteros bênçãos e grandes responsabilidades. Eles devem se lembrar de que “o Supremo Pastor” os recompensará quando realizarem seus deveres fielmente. Pedro garantiu que das mãos do Supremo Pastor **receber[iam] a imarcescível coroa da glória.**

No Novo Testamento duas palavras são traduzidas por “coroa”. A mais comum é *στέφανος* (*stefanos*), cujo principal significado é uma “grinalda de vitória”. Quase todas as cidades falantes de grego patrocinavam jogos em que seus próprios atletas competiam com os das cidades vizinhas. Além disso, os gregos comemoravam o que denominavam jogos “pan-helênicos”, ou seja, jogos para todos os gregos. Os mais antigos desses jogos eram os que ocorriam em Olímpia. Não havia premiação para o Segundo lugar. O vencedor recebia uma grinalda feita de uma folhagem tradicional típica da região em que os jogos eram sediados. A segunda palavra traduzida por “coroa” só é usada em Apocalipse. Trata-se de *διάδημα* (*diadema*). Esta palavra denota mais precisamente a “coroa de um governante”. Ela sugere opulência e poder. A diferença entre os dois vocábulos nem sempre é evidente. Por isso em Apocalipse 14:14, Jesus usa uma coroa de ouro (*stefanos*), mas em Apocalipse 19:12, Ele usa muitas coroas (*diadema*).

A coroa de espinhos usada por Jesus era um *stefanos* (Mateus 27:29). O povo zombou de Jesus curvando-se diante dEle e proclamando-O “Rei dos Judeus”. Evidentemente, entende-se que “coroa” nesse contexto é a coroa de um governante. Em termos práticos, a coroa de um rei era um *diadema*, mas não é difícil perceber como esses dois vocábulos podem ser intercambiáveis em alguns contextos. O significado de “coroa”, quando o assunto é recompensa celestial para os crentes, não é de mero interesse acadêmico. A recompensa que os

cristãos aguardam tem muito a dizer sobre os valores e ideais da vida cristã. Faz muita diferença se o sentido da palavra aqui for uma “grinalda” como a que se dava nos jogos ou uma “coroa” como a usada por um rei. Se o sentido for o primeiro, “coroa” para o cristão simboliza vitória. Em Cristo o crente é vitorioso em relação ao pecado e à morte. Se a palavra significar “diadema”, a coroa de um rei, a sugestão é que o alvo dos cristãos é desfrutar das riquezas de poder nos reinos celestiais.

É digno de nota que Pedro disse que o “Supremo Pastor” é quem daria “a imarcescível coroa da glória”. Não se espera que um diadema, uma coroa de rei, seja algo perecível (“imarcescível” significa “que não murcha”). Ela é feita de ouro e joias preciosas que podem perder o brilho ou ficar sujas, mas não perecer. Uma grinalda feita de folhagens, por outro lado, perece e murcha rapidamente. Assim como Pedro, Paulo falou da recompensa celestial como uma coroa imarcescível ou incorruptível (1 Coríntios 9:25). Folhas são frágeis, estão sujeitas a rápida destruição. Quando Pedro ou Paulo falaram de uma coroa como recompensa celestial para os crentes, ambos queriam comunicar a ideia de vitória e não de governo. Se os cristãos não ambicionam poder para exercer autoridade sobre seus semelhantes neste mundo, por que iriam querer ser senhores na era vindoura? A ideia de “coroa” como opulência e poder tem se infiltrado no pensamento cristão. Vemos o reflexo disso em letras de cânticos e orações, porém este é um ideal equivocado. Independentemente de como será o reino celestial, a recompensa oferecida pelo Príncipe da Paz dificilmente é simbolizada por “uma mansão, um manto e uma coroa”; mas por descanso, vitória e servidão.

#### CINGI-VOS TODOS DE HUMILDADE (5:5-8)

**<sup>5</sup>Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. <sup>6</sup>Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, <sup>7</sup>lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós. <sup>8</sup>Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar.**

Para que os presbíteros conduzam, é necessário

haver pessoas dispostas a segui-los. A igreja é um reino composto por súditos que possuem o mesmo pensamento: consagrar-se a Deus e aos ideais que Deus estabeleceu diante deles. Nada é forçado, nem feito por constrangimento. Se é verdade que orgulho e arrogância são fundamentais para uma mentalidade anti-Deus<sup>6</sup>, segue-se que humildade e submissão são pré-requisitos para uma mentalidade aprovada por Deus. A submissão pode ser imposta. Submeter-se requer disposição, pelo menos ocasionalmente, para conter julgamentos pessoais que condenem os outros. Pedro já havia escrito a respeito da submissão aos governos (2:13–17), dos escravos aos senhores (2:18–20) e das esposas aos maridos (3:1–7). Aqui, ele incentivou os que são mais jovens a se submeterem aos mais velhos. Para os cristãos, a submissão é uma reação espontânea e não uma obrigação. É a consequência natural de comparecer perante Deus com humildade. É um reconhecimento de que a vida é um mistério, de que não temos controle sobre o nascimento, a morte ou muitas coisas que acontecem entre esses dois eventos. É uma confissão de que Deus está no controle.

**Versículo 5.** Visto que um dos termos que designam os líderes da igreja é “presbíteros”, é natural que Pedro dirigisse seu conselho sobre submissão **aos jovens**. A implicação desses versículos é que a liderança na igreja deve ser conduzida por homens. Visto que homens mais velhos devem liderar, a admoestação à submissão no que se refere à governança da igreja é dirigida aos homens mais novos. Na cultura ocidental moderna, em que as mulheres são mais ativas na vida cívica, econômica e eclesiástica, o mesmo chamado à submissão se aplica igualmente a elas.

Convém observar que o texto original deixa claro que Pedro não se dirigiu aos “jovens” em geral (νέος, *neos*), mas aos “homens mais jovens” (νεώτερος, *neoteros*). Talvez o apóstolo tenha usado o adjetivo no grau comparativo reconhecendo que os dois termos não eram completamente paralelos. “Jovens” tem a ver com idade cronológica, porém “mais velhos” tem a ver com um ofício exercido na igreja<sup>7</sup>. Há pouca dúvida de que **sede submissos**

<sup>6</sup>C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1984, p. 90.

<sup>7</sup>O grego contém dois adjetivos paralelos, “mais jovens” e “mais velhos”. Os adjetivos estão no masculino plural, por isso os tradutores usaram o artigo definido masculino “os” denotando “os homens mais jovens” e “os homens que são mais velhos”.

**aos que são mais velhos** refira-se ao ofício de presbítero na igreja, e não a homens velhos num sentido geral. Pedro convocou os cristãos que não são “mais velhos” ou “presbíteros” a acatarem o julgamento de seus líderes, apoiando suas escolhas, prestando respeito por causa do trabalho que desempenham e oferecendo orações a Deus em favor deles.

Aos que consideram a submissão aviltante, ou suas próprias opiniões superiores às de seus presbíteros instituídos, Pedro lembrou que a humildade é uma virtude. **Outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade.** O apóstolo classificou a submissão aos presbíteros na categoria mais ampla de uma disposição de ânimo que deve caracterizar todos os crentes em seus relacionamentos. A palavra traduzida por “cingi-vos” (ἐγκομβόομαι, *enkombōomai*) é rara, tendo só esta ocorrência no Novo Testamento. Refere-se especificamente a uma túnica que podia ser amarrada no indivíduo, como um avental, sendo um lembrete de que Jesus não só ensinou humildade, mas também a demonstrou. Quando Ele e os discípulos estavam no cenáculo na noite anterior à Sua crucificação, Jesus despiu a túnica de cima, pegou uma bacia de água e lavou os pés dos doze. Ele concluiu esse ato dizendo: “Ora, se Eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também” (João 13:14, 15). A vida de Jesus é uma exposição prática da admoestação de Pedro “cingi-vos todos de humildade”.

Como já fizera outras vezes nesta carta (1:24, 25; 2:6–8; 3:10–12), Pedro defendeu e reforçou suas admoestações com uma citação das Escrituras. Esta veio de Provérbios 3:34 (LXX): **Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a Sua graça.** Tiago citou a mesma passagem (Tiago 4:6), uma dos muitos pontos de contato interessantes entre a primeira carta de Pedro e a carta do irmão do Senhor. A citação de Provérbios sugere que o “soberbo” está em oposição ao “humilde”. Como algumas traduções usam o termo “orgulhosos” no lugar de “soberbos”, convém observar que, no uso contemporâneo, “orgulhoso” pode se referir àquele que teve satisfação num trabalho bem feito, ou ao respeito próprio. A tradução da RA parece ser exata. “Humildes” denota os que estão dispostos a “serem submissos” aos “mais velhos” ou presbíteros, porém a citação eleva a submissão a outro nível. O povo de Deus se caracteriza por tirar a mente de si mesmo e suprir as necessidades dos

outros. “Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos” (Romanos 12:16).

**Versículo 6.** Talvez houvesse nas igrejas um provérbio parecido com isto: **Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte.** Se estas palavras forem proverbiais, isso explicaria por que Tiago usou uma palavra semelhante (Tiago 4:10). A disposição para humilhar-se está relacionada à disposição para ser submisso. A submissão de um indivíduo, em todos os níveis (ao governo civil, em casa ou na igreja), tem a ver com sua disposição de ser submisso a Deus. Não é errado dizer que a raiz da rebeldia do homem contra Deus, desde o princípio, é a indisposição para ser humilde “sob Sua poderosa mão”. Alan M. Stibbs estava certo ao observar que a passagem implica que Deus chama o Seu povo para mais do que uma obediência passiva e de má vontade. Deus quer do Seu povo participação ativa, confiança espontânea e fé<sup>8</sup>. A alternativa a isso é exaltar a si mesmo perante Deus e encarar o Seu julgamento.

Embora seja um paradoxo, o caminho para a exaltação passa pela submissão. A experiência comum da humanidade dá testemunho deste princípio: “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (João 12:25). Aquele que emprega suas energias aos próprios prazeres terrenos perde toda a bondade que a vida oferece. A auto-exaltação não funciona. Davi nunca foi mais piedoso do que quando deparou-se com seu inimigo dormindo ao chão e disse: “Deus o escolheu. Cabe a Deus exaltá-lo ou humilhá-lo. Eu não levantarei a minha mão contra o ungido do Senhor” (veja 1 Samuel 26:9–11). Jesus contou uma parábola sobre um homem que foi a um banquete e procurou o lugar mais proeminente para se sentar. No fim da parábola, Jesus usou palavras parecidas com as de Pedro: “Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado” (Lucas 14:11).

**Versículo 7.** A antítese de exaltar a si mesmo, a maneira de se humilhar, é **lançando sobre Ele toda a [nossa] ansiedade.** Pedro usou uma palavra negativa, “ansiedade” (μέριμνα, *merimna*). A tendência de ser ansioso, preocupado e pressionado pelas incertezas da vida está arraigada à natureza

<sup>8</sup>Alan M. Stibbs and Andrew F. Walls, *The First Epistle General of Peter*, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959, p. 170.

humana. Essa é a “reação natural do homem diante da pobreza, fome e outros problemas que lhe sobrevêm no decurso da sua vida diária. O homem, oprimido pelos fardos que são colocados sobre ele, se imagina entregue a uma sina diante da qual se sente impotente”<sup>9</sup>. Pedro garantiu aos seus leitores que eles não estavam fadados a essa sina ou destino. Deus controla o mundo; podemos lançar nossos problemas sobre Ele.

Pedro parece ter se apoiado em Salmos 55:22, embora não tenha feito uma citação direta: “Confia os teus cuidados ao Senhor, e Ele te susterá”. Vários salmos oferecem admoestações convincentes que reforçam o convite de Pedro; por exemplo: “Perto está o Senhor de todos os que O invocam, de todos os que O invocam em verdade” (Salmos 145:18). Embora o texto não seja muito semelhante, o sentimento de Mateus 6:25–34 é similar: “Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?” (Mateus 6:25). Tanto para Pedro como para Jesus, “a ansiedade é uma insinuação sutil de que ou Deus não tem poder ou não está interessado em cuidar do nosso bem-estar”<sup>10</sup>.

Há uma boa razão para o povo de Deus lançar confiadamente toda ansiedade sobre o Senhor. O apóstolo reafirmou a seus leitores: **Ele tem cuidado de vós.** Ou o indivíduo enfrenta perseguição por usar o nome de Cristo, como foi com os primeiros leitores desta carta, ou enfrenta insegurança financeira, doença e morte – qualquer ansiedade que sobrevier ao cristão, ele a suporta confiante de que Deus cuida dele. O Deus revelado por Jesus Cristo é um Pai pessoal para o Seu povo. Ele não é uma potência desinteressada que criou a terra e depois virou-lhe as costas. Ele vive nas vidas do Seu povo. Seu cuidado providencial está sempre em ação. “E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele” (1 João 4:16). A obra apócrifa intitulada Sabedoria de Salomão contém um pensamento semelhante: “Pois não há, fora de Ti, Deus que cuide de todos”<sup>11</sup>.

<sup>9</sup>J. Goetzmann, “Ansiedade, cuidado”, em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, ed. Colin Brown. São Paulo. Edições Vida Nova, 1981, vol. 1, p. 230.

<sup>10</sup>R. E. Enlow, “Anxiety”, em *Evangelical Dictionary of Biblical Theology*, ed. Walter A. Elwell. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1996, p. 28.

<sup>11</sup>*Bíblia de Jerusalém* nova edição, revista e ampliada. Sabedoria de Salomão 12:13. São Paulo: Paulus, 2011.



**Versículo 8.** A admoestação para que os crentes levem a sério a si mesmos, suas responsabilidades e destinos é comum nas Escrituras. **Sede sóbrios**, escreveu Pedro. A palavra “sóbrio” (νήφω, *nefo*) significa literalmente no grego, assim como no português, “não intoxicado”. Todavia, o termo é geralmente usado no sentido de ser bem equilibrado e ter autocontrole, conseqüentemente ser sério e concentrado. Ser “sóbrio” não é o mesmo que ser melancólico, lento, nunca sorridente, sem achar alegria na vida. A ideia é que uma vida humana tem significado. A vida, afinal, é uma questão séria.

Vozes pagãs, do mundo antigo e também do moderno, reduzem a existência humana a ponto de a vida humana pouco valer. Muitas pessoas do mundo politeísta greco-romano pensavam que o destino governava tudo. A morte significava aniquilação ou banimento para algum sombrio mundo dos mortos. Os mestres estoicos contavam a história de um cão amarrado à traseira de uma carroça. Certo dia, quando o dono decidiu sair com a carroça em viagem para uma cidade vizinha, o cão decidiu que não iria. A carroça arrastou o animal, que se debatia contra as pedras, ensangüentado e açoitado, até o destino. Os estoicos, então, concluíam: “Vejam só! O cão terminou no mesmo lugar, quer tivesse corrido com a carroça, quer tivesse resistido. Assim como o cão, sua vida terminará no lugar que o destino decretar. Só uma coisa depende de você: como você quer chegar lá. Corra junto com a carroça. Não dificulte as coisas, e a vida será melhor. Não leve demasiadamente a sério as suas escolhas. Não creia demais em nada. O que você faz ou crê não é tão importante assim”.

Comparando com o mundo antigo, a ênfase mudou nos tempos modernos. Não é tanto o destino mas a fatalidade que governa. A ciência é boa para muitos que defendem que a vida humana é o produto de um processo evolutivo, e nada mais. Um ser humano se distingue das demais criaturas por ter um polegar opositivo e mais circunvoluções cerebrais no seu córtex, assim como uma barata se distingue por ter um casco duro e seis patas. Ambos são organismos no meio de outros organismos. A vida não é mais séria para uma barata do que é para um ser humano. Morre-se e a próxima geração surge para assumir o seu lugar no mundo. Ao contrário desse pensamento, Pedro disse: “Sede sóbrios”. O sentido é: “Vocês são criaturas de Deus. O que vocês creem e fazem tem muita importância”.

Quando se leva a vida a sério, sendo “sóbrio”,

também se é **vigilante**. A vigilância é necessária porque o **diabo**, [nosso] **adversário**, **anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar**. Esta é a única referência em 1 Pedro ao “diabo”. A palavra “Satanás” não aparece na carta. Pedro parecia estar advertindo a respeito de um ser pessoal, adversário de Deus e do homem. A palavra “diabo” (διάβολος, *diabolos*) significa “caluniador”, “difamador”. Às vezes é usada no Novo Testamento no sentido geral (2 Timóteo 3:3; Tito 2:3). Significa aproximadamente o mesmo que a palavra hebraica שָׂטָן (*satan*), “adversário” ou “acusador”. Em 1 Pedro, o diabo é um adversário. Tudo o que ele aspira aos seres humanos é para o mal deles. Ele devora almas conduzindo-as à destruição eterna. É interessante o diabo ser comparado a um leão, uma vez que Jesus também é “o Leão da tribo de Judá” (Apocalipse 5:5).

É difícil entender o papel do diabo na tentação e no pecado de cada ser humano. Tiago disse que ser tentado significa ser seduzido pelos próprios desejos (Tiago 1:14). João disse que pecado é a transgressão da lei (1 João 3:4), indicando que o indivíduo escolhe pecar.

É tentador usar as referências bíblicas a Satanás e ao diabo como uma personificação da atração do pecado. Passagens como esta dificultam essa interpretação. Alguns querem reduzir o diabo a um conceito mitológico que surgiu entre os judeus durante o período babilônico. A isto também existem vários contra-argumentos. O que o cristão pode dizer sobre o diabo é limitado. Tudo indica que ele é um ser individual determinado a desonrar a Deus tentando a criação a negar seu Criador com palavras e ações. Disto temos certeza: o diabo não é um deus mau, tão igual e eterno quanto o Criador. Seu poder está sujeito a Deus. No dia da visitação, quando o Senhor voltar, ele será derrotado.

#### **A IRMANDADE ESPALHADA PELO MUNDO (5:9–11)**

**<sup>9</sup>Resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo. <sup>10</sup>Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar. <sup>11</sup>A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!**

O apóstolo partiu para as observações finais da

carta. O sofrimento de seus leitores estivera constantemente na sua mente, por isso convinha que ele encerrasse com palavras de estímulo. De alguma maneira, foi o diabo que inspirou o sofrimento deles. Deveriam resistir a ele e buscar consolo em saber que o sofrimento deles era também vivenciado pela irmandade maior. Além disso, deveriam lembrar-se da glória que os aguarda quando Deus puser fim ao presente século.

**Versículo 9.** Tiago e Pedro escreveram que o cristão deve resistir ao diabo, mas Tiago associou essa resistência diretamente com submissão a Deus (Tiago 4:7). O pensamento de Pedro não estava tão longe disso quando disse: **Resisti-lhe firmes na fé.** O crente resiste ao diabo quando confirma sua fé na companhia de outros irmãos de fé (1:17-19). “Resistir” significa encontrar-se fiel “na revelação de Jesus Cristo” (1:7). Significa recusar falar mal das pessoas que falam mal de você (2:23; 3:9). Significa continuar determinado a viver num elevado nível moral (4:3, 4). A confissão de Cristo requer esforço, resistência e determinação. A vida cristã começa com uma confissão, imersão no nome de Cristo, apoio da parte de amigos e entusiasmo. Depois disso, a realidade se instala. Como na parábola do semeador, às vezes falta profundidade de solo. Muitos já desistiram de viver nos padrões do mundo. A firmeza de fé, a oração, a persistência e o apoio de amigos crentes são necessários para que se resista ao diabo com força até o fim.

Esta é a quarta vez na carta em que Pedro reportou-se diretamente ao sofrimento de seus leitores (1:6-9; 3:13-17; 4:12-19; 5:9, 10). Quando o cristão sofre, gera algum conforto saber que há outros irmãos participando da mesma tribulação. O apóstolo queria que seus leitores soubessem que **sofrimentos iguais aos [deles] estavam-se cumprindo na irmandade espalhada pelo mundo.** Talvez seja esta a frase mais significativa de toda a carta, por sua ligação com questões históricas. É notável que cerca de trinta e cinco anos após a morte do Senhor, Pedro escrevesse sobre uma irmandade mundial de crentes.

Espalhados pelo mundo, os cristãos se comunicavam e se apoiavam uns aos outros. Eram uma irmandade de proporção mundial. John Stott comentou corretamente: “O cristianismo autêntico da Bíblia não é uma pequena religião segura, altiva, cômoda, egoísta e escapista... É uma força centrífuga explosiva, que nos arranca do nosso egocentrismo estreito e nos lança no mundo de

Deus para testemunhar e servir”<sup>12</sup>.

Entre outras coisas, o apóstolo queria lembrar seus leitores que eles estavam no ápice de um movimento que estava crescendo e conquistando o mundo. Aos colossenses, Paulo escreveu que o evangelho que eles haviam crido estava “produzindo fruto e crescendo” (Colossenses 1:6; veja Romanos 10:18). Paulo não só pregou o evangelho “desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico” (Romanos 15:19), como também sonhava em ir até a Espanha (Romanos 15:24). As cartas de Paulo e Atos informam um pouco sobre a obra missionária de Paulo. Sabemos menos sobre a obra de Pedro e, praticamente, nada sobre as miríades de pregadores e professores que espalharam a mensagem de Cristo de pessoa a pessoa por todo o império.

**Versículo 10.** Os cristãos que viviam entre pagãos e sofriam por terem confessado Cristo precisavam fazer a si mesmos e a outros algumas perguntas difíceis. “O Deus a quem eles serviam tinha poder para protegê-los? Por que Ele não os protegeu?” Eles não sofreram humilhações nem preconceito enquanto adoravam os deuses aos quais seus amigos e parentes serviam. Por que Deus estava permitindo que aquelas perseguições acontecessem? A resposta de Pedro era que a situação não continuaria daquele jeito por muito tempo. **Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco.** Era a mesma resposta dada anteriormente (1:8). Em face do sofrimento, Pedro disse: “Mantenham os olhos no horizonte”. Muitos anos antes, salmistas entendiam seus sofrimentos de modo semelhante. Confrontados pelo mal, eles concluíram que ele era temporário. A vontade de Deus no fim triunfaria. “Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição” (Salmos 73:18). E o salmista continuou: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Salmos 73:25).

Cada frase de Pedro pede por um breve comentário. Foi ao “Deus de toda a graça” que eles se entregaram. Em 4:10, o apóstolo mencionou “a multiforme graça de Deus”. Graça se efetua no seu grau superlativo no Deus de Jesus Cristo. A graça nunca acaba com Deus; ela é essencial ao Seu ser. A graça de Deus foi experimentada pelos destinatários da carta de Pedro quando eles foram salvos de

---

<sup>12</sup>John Stott, *The Contemporary Christian*. Leicester, U.K.: Inter-Varsity Press, 1992, p. 335.

seus pecados, ao serem batizados em Cristo (3:21). Eles viviam na graça de Deus; todavia, a graça ainda estava por ser concretizada. Eles viviam na expectativa daquele dia.

As palavras “o Deus... que em Cristo vos chamou à Sua eterna glória” remete aos versículos de abertura da carta. O apóstolo descreveu seus leitores como “eleitos que são forasteiros”. Eles foram eleitos segundo a presciência de Deus Pai, “para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo”. Deus “os regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”. A glória já havia começado para aqueles cristãos, mas a glória total seria mais do que a soma de todas as bênçãos que eles já desfrutavam. Era uma “glória eterna”. As palavras apontam para uma glória vindoura tanto em qualidade como em quantidade. O peso do sofrimento era suportável quando entendido à luz dessa glória. Com quatro verbos no futuro e uma declaração enfática, Pedro exortou seus leitores a perseverarem até a plena concretização da “glória eterna”. Na era presente, prometeu o apóstolo, o próprio Deus os haveria **de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar**. No grego há um pronome enfático cujo efeito é dizer: “Podem ter certeza de que este mesmo Deus que os chamou fará essas coisas”. Cada palavra tem sua própria nuance, embora não seja aconselhável divagar sobre os respectivos possíveis significados. Sequenciar os verbos desta maneira produz o efeito

de ressaltar o pleno poder de Deus de preservar Seu povo chamado até que a Sua glória seja revelada.

A palavra traduzida por “aperfeiçoar” (καταρτίζω, *katartizo*) é vertida para “restaurará” na NVI. Foi também usada em Mateus 4:21 para dizer que os filhos de Zebedeu estavam “consertando” as redes. O sentido é que Deus conserta o Seu povo quando eles tropeçam; Ele perdoa seus pecados. Ele tem poder para “restaurar” e “firmar” seus filhos. A palavra “firmar” (στηρίζω, *sterizo*) sugere fixar uma coisa seguramente de modo que nada a mova. Jesus usou-a para descrever “um grande abismo” da história do rico e Lázaro (Lucas 16:26). A palavra traduzida por “fortificar” (σθενόω, *sthenoo*) é próxima semanticamente da anterior. Só aparece aqui no Novo Testamento. A última palavra, “fundamentar” (θεμελιόω, *themelioo*) significa “construir sobre um alicerce seguro”. Deus edificará os cristãos sobre uma base firme, como uma cidade bem edificada ou uma casa grande.

**Versículo 11.** Esta é uma doxologia mais curta do que a escrita em 4:11. Jesus era o sujeito naquela, e Deus é o sujeito nesta. Palavras que glorificam a Deus glorificam a Cristo também. A frase grega não possui verbo. A RA acrescentou o verbo ser no imperativo: **A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!** Considerando que Pedro acabara de usar quatro verbos no futuro do indicativo, é provável que seja esse o modo implícito aqui.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS